
De objeto a sujeito: o corpo feminino e *drag* nos clipes de MC Daleste e de Gloria Groove¹

Júlia AMIN²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este artigo vai analisar dois produtos da Indústria Cultural, os clipes *Vermelho*, da *drag queen* brasileira Gloria Groove, lançado em 11 de fevereiro de 2022; e *Quem é essa menina de vermelho?*, publicado pelo canal Favela Funk sete anos após o assassinato do cantor MC Daleste. O corpo possível, tão reforçado pela Indústria Cultural, e o corpo abjeto, ambos pensados por Judith Butler, serão o ponto de partida da análise. Na produção com MC Daleste, a mulher aparece de forma objetificada - é filmada em planos fechados que focam nas nádegas, barriga e seios - e busca o amor do homem, seguindo o narcisismo feminino abordado por Freud. Já no clipe de Gloria Groove, os corpos sensuais ganham protagonismo e função dominante. Apesar de *Vermelho* ter surgido como uma homenagem a Daleste, é possível concluir que os corpos que performam feminilidade nos clipes são apresentados em posições opostas.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; Feminismo; Mulher; Indústria Cultural.

Introdução:

No dia 11 de fevereiro de 2022, a cantora e *drag queen* brasileira Gloria Groove lançou em seu canal no *Youtube* o clipe “Vermelho³”, faixa de seu novo álbum *Lady Leste*. A música tem o mesmo refrão de *Quem é essa menina de vermelho?*⁴, canção lançada por MC Daleste, funkeiro assassinado aos 20 anos em cima do palco, em 2013, enquanto fazia um show em Campinas, município do interior de São Paulo. Em menos de um mês, o vídeo de Gloria Groove alcançou mais de 15 milhões de visualizações, o que deixa evidente que seu conteúdo é fruto de uma produção audiovisual pensada para atingir o máximo de espectadores possível. Em outras palavras, a reprodutibilidade

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação. Diversidade e Alteridade, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ, e-mail: julia.abijaoudi@gmail.com

³ Clipe disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p4aPIYN6x1Q>. Acesso em 08/03/22.

⁴ Clipe disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6Pq_aubEzWo&t=150s. Acesso em 08/03/22.

técnica do clipe é fundada na técnica de sua produção, que não só permite, mas torna obrigatória a difusão em massa do conteúdo (Benjamin, 2018, p.172). O longo alcance, a partir da plataforma do *Youtube*, também mostra que o vídeo conseguiu cumprir um dos objetivos-chave da Comunicação de Massa: entreter e divertir o receptor (Wright, 1964, *apud* Bosi, 1986, p.35).

O single de Gloria Groove é uma homenagem declarada a MC Daleste. O cantor nasceu na Zona Leste de São Paulo e carregou em seu nome artístico esta referência, o mesmo que faz Gloria, sua conterrânea, no título de *Lady Leste*, seu segundo álbum, que também veio a ser seu segundo nome artístico. Outro ponto em comum é que os dois foram batizados como Daniel. “Ele é o Daniel da Penha e eu sou o Daniel da Vila Formosa”, explicou Gloria em entrevista ao *GI Ouviu*, podcast do *GI*⁵. Ao lançar *Vermelho*, a cantora exalta suas origens e a do funkeiro, não só pela alusão ao passado que carrega no nome, mas também na forma de cantar: todos os ‘erres’ são pronunciados com o forte e típico sotaque paulista.

No clássico *O Segundo Sexo*, Beauvoir defende que a “alteridade é categoria fundamental do pensamento humano” (Beauvoir, 2019, p.13), e que o sexo biológico foi ponto crucial para a criação de uma determinação por oposição, pautada na perspectiva do corpo masculino como sendo o neutro. O homem é, pois, o sujeito absoluto, enquanto a mulher é o Outro (Beauvoir, 2019, p.13). Em *Corpos que importam*, Judith Butler vai além e argumenta que a materialidade dos corpos é criada, ao longo do contexto socio-histórico, de forma “indissociável das normas regulatórias que governam sua materialização” (Butler, 2020, p.17). Ou seja, o corpo possível é aquele consolidado a partir da reiteração de normas regulatórias a serviço do imperativo heterossexual (Butler, 2020 p.16).

Este imperativo, ao passo que permite certas identificações sexuadas, forclui ou nega outras (Butler, 2020, p.17), produzindo um domínio de seres abjetos, que Butler chama de Outro. Essa formação “requer identificação com o fantasma normativo do sexo” (Butler, 2020, p.19), no qual sexo, gênero e desejo são coerentes entre si. O corpo da *drag queen* Gloria, que por conta dessas normas regulatórias é considerado abjeto, ganha não só protagonismo em *Vermelho*, como é exaltado. Mais do que isso, a cantora

⁵ Podcast disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/g1-ouviu/noticia/2022/03/06/g1-ouviu-184-gloria-groove-quem-e-essa-menina-de-vermelho.ghml>. Acesso em 09/03/22.

convida outros corpos abjetos - dançarinas e dançarinos - e os coloca em destaque, num claro tensionamento dessas normas.

Embora a referência à *Quem é essa menina de vermelho?* seja explícita - o refrão é o mesmo -, tanto a letra de *Vermelho* quanto o clipe revelam diferenças epistemológicas que precisam ser exploradas. Por um lado, o clipe com MC Daleste, publicado pelo Favela Funk em 2020, reforça os padrões do corpo ideal (branco, magro e heterossexual) consolidado a partir das reinteração das normas regulatórias, bem como apresenta a coerência de sexo, gênero e desejo. Por outro, *Vermelho*, por meio de uma paródia, ressignifica e reelabora “essas normas aniquiladoras e esses ideais mortíferos de gênero” (Butler, 2020, p. 213), algo semelhante ao que é analisado por Butler no filme *Paris is Burning*. O corpo não-branco da *drag queen*, com sua performance feminina, ganha destaque.

Tendo como ponto de partida o corpo possível, exaltado pela Indústria Cultural, e o Outro, de Butler, este artigo vai analisar as duas músicas e clipes, produtos bem-sucedidos da Indústria Cultural: *Vermelho* e *Quem é essa menina de vermelho?*. Para isto, o trabalho será dividido em três partes, além da introdução e das considerações finais. Na primeira parte, farei uma contextualização da carreira de Gloria Groove e irei revisitar a trajetória de MC Daleste. Já a análise dos videoclipes, realizada a partir de noções sobre o corpo feminino/drag será dividida em duas partes: Corpos abjetos em *Vermelho* e O corpo objetificado em *Quem é essa menina de vermelho?*.

Os artistas:

Cantora, rapper, compositora e *drag queen* brasileira, Gloria Groove tem 27 anos e foi batizada como Daniel Garcia Napoleão. Nascido em Vila Formosa, Zona Leste de São Paulo, desde muito cedo Daniel já despontava para a música. Quando criança, além de cantar na igreja onde frequentava, participou da Galera do Balão e de programas de talentos, como o quadro Jovens Talentos, do Programa Raul Gil. Também foi dublador oficial de personagens como Aladim; Jake, de *Power Rangers*; e Jase, da *Patrulha Canina*. Em 2016, começou a carreira como a *drag queen* Gloria Groove, com o single *Dona*.

Do mesmo modo que Butler, compreendo a construção do sexo não como um dado corporal onde o gênero será construído, mas sim como uma “norma cultural que rege a materialização dos corpos” (Butler, 2020, p.17). Desta forma, a *drag queen* Gloria

Groove tensiona as normas de sexo e gênero justamente ao parodiar o gênero. A letra de Dona demonstra este tensionamento:

“Que negócio é esse daí?/ É mulher?/ Que bicho que é?/ Prazer, eu sou arte, meu querido/ Então, pode me aplaudir de pé/ Represento esforço, tipo de talento/ Cultivo respeito/ Cultura drag é missão/ Um salve a todas as montadas da nossa nação” (Groove, 2016).

Gloria, com sua performance artística e letras afiadas, se tornou uma das maiores artistas pop da atualidade. Seu primeiro álbum *O Proceder* foi lançado em fevereiro de 2017, com outros sucessos que versam sobre sua vida drag e gay. Atualmente, a artista tem mais de seis milhões de ouvintes mensais no *Spotify* e três milhões de inscritos em seu canal no *Youtube*.

Cinco anos depois, em fevereiro de 2022, Gloria lançou seu segundo álbum. Muito além do que o nome do disco, *Lady Leste* é um conceito criado pela artista. Carrega as referências do lugar de onde veio, a Zona Leste de São Paulo. É como ela também quer ser chamada. Em entrevista ao *GI Ouviu*, a artista contou que o codinome Lady Leste ajuda a conectá-la com a artista pop da pista. *Bonekinha*, primeira música lançada do disco, é o primeiro momento onde Lady Leste aparece. Após vociferar o famoso ‘Gloria Groove’, a cantora grita Lady Leste. Com esta combinação de nomes, Gloria materializa seu passado na Zona Leste, como Daniel, e seu presente e futuro, como uma lady.

Também da Zona Leste de São Paulo, Daniel Pedreira Senna Pellegrine nasceu em 1992 no bairro da Penha. Iniciou sua carreira em 2008 com o nome de Mc Daleste, e lançou os hits *Bonde dos Menor 1*, *Bonde dos Menor 2* e *Apologia*. Em 2012, o cantor e compositor foi um dos precursores do funk ostentação ou funk paulista, com letras que exaltavam carros, joias, mulheres, dinheiro, bebida e uma boa vida regada a luxo. Além de *Quem é essa menina de vermelho?*, algumas de suas músicas mais conhecidas são: *Deusa da Ostentação* e *São Paulo*.

Durante um show em Campinas, o cantor foi assassinado em cima do palco com um tiro, no dia 6 junho de 2013. No auge de sua meteórica carreira, ele havia gravado apenas um clipe antes de seu assassinato, chamado *O gigante acordou*, que falava sobre as manifestações de 2013. Poucos dias depois de sua morte, o diretor Renato Barreiros lançou o clipe da música *São Paulo*, que já estava gravado.

Quem é essa menina de vermelho? ganhou um clipe em 2020, publicado pelo canal Favela Funk. O vídeo reúne cenas do clipe *São Paulo* e imagens de Daleste

cantando, que aparentam ser de um show antigo. Quando foi assassinado, sua morte foi notícia na mídia nacional e internacional, com intensa repercussão, inclusive entre famosos.

Corpos abjetos em *Vermelho*:

Vermelho começa em um bar, onde Gloria, vestida com short jeans curto e um body de manga comprida aberto na barriga e cavado nas laterais, caminha e seduz os frequentadores do estabelecimento. Em seguida, ela aparece sozinha em uma limusine, ora em pé com metade do corpo debruçado sobre o teto solar, ora brindando com champagne no interior do veículo. Ao descer do carro, com a breve ajuda de um segurança que estende a mão para ela, Gloria caminha, com seu vestido vermelho aberto na lateral, em um comprido tapete vermelho, que a leva para uma boate. Lá ela dança primeiro com seus bailarinos e depois sozinha, em um *pole dance*. As roupas são sempre muito sensuais e vermelhas. Neste quadro, ela usa um macacão todo recortado, com a maior parte do corpo à mostra. Engatinha e rebola sozinha, e depois seduz um homem que toca guitarra sem camisa.

Na sequência, a cantora e as bailarinas dançam na rua, num cenário típico dos bailes da Zona Leste de São Paulo. O plano tem aproximadamente 30 segundos e os movimentos da câmera são rápidos, assim como a coreografia, o que cria uma espécie de hipnose no espectador. A dança, ao utilizar o corpo como linguagem, “obriga à objetivação de si para mostrar aos outros que ‘se está bem dentro da própria pele’” (Jeudy, 2002, p.67). O autor argumenta que o corpo dançante recusa critérios determinados de modelos de representação e se entrega como abertura ao mundo (Jeudy, 2002, p. 69). Entregues à dança, os corpos do clipe reforçam não só os seus lugares únicos no mundo, como também criam empatia no espectador, uma vez que “não há posição de exterioridade ao corpo dançante” (Ibidem). Este plano da dança funciona, portanto, como uma apresentação e também uma reafirmação daqueles corpos que sempre foram considerados abjetos segundo as regras heteronormativas e binárias.

Neste momento da produção, Gloria Groove reforça o estilo mandraka- descolado e urbano -, com calça larga, cropped, touca e joias. É interessante perceber que a câmera passeia pelos corpos das bailarinas. Há destaque para o cabelo trançado de uma das dançarinas, as costas de uma mulher negra e o corpo de uma pessoa gorda. Todos estes detalhes são filmados em planos fechados, no que parece ser uma opção da diretora para

ressaltar a importância da participação desses corpos na obra. O clipe, dirigido por Belle de Melo, é gravado à noite, em ambientes como pouca iluminação, nos quais a luz vermelha é dominante.



Imagem 1. Gloria Groove e dançarinas fora do padrão estético, heteronormativo e binário.

Moraes (2002) ressalta que a figura da mulher fatal, sedutora e diabólica ganhou força na literatura principalmente a partir da segunda metade do século XIX, com personagens como Carmem, de Mérimée, e Salambô, de Fleubert. “A partir de então, o mito feminino se uniu irremediavelmente à maldade” (Moraes, 2002, p.30). Gloria Groove evoca essa figura da mulher sedutora e diabólica ao aparecer com roupa, sandália e batom vermelhos. Assim como na literatura libertina do período, a cantora seduz não só os homens que participam do clipe, mas sobretudo a audiência. Um momento marcante é quando a cantora sai de sua limusine e desfila no tapete vermelho olhando fixamente para a câmera. O close no vestido curto e aberto nas laterais deixa seu corpo em evidência, assim como o domínio de Gloria sobre o mesmo. A cena final resume bem este lugar da mulher como dominadora, que subverte o ideal de dominação masculina. Com um vestido e capa esvoaçantes e uma tiara, sempre vermelhos, a cantora atea fogo em uma escada. É como se ela mostrasse ali todo o seu poder.

Baudrillard (2003) argumenta que o corpo, principalmente o da mulher, é usado para fins produtivistas. Ou seja, o corpo e a beleza ajudam a vender. Para além do clipe, Gloria, ao dar destaque e valorizar o seu corpo e sua sensualidade, sob uma perspectiva libertadora e de interesse pessoal próprio, se beneficia desta lógica produtivista:

Importa que o indivíduo se tome a si mesmo como objecto, como o mais belo dos objectos e como o material de troca mais precioso, para que, ao nível do corpo desconstruído, da sexualidade desconstruída, venha a instituir-se um processo econômico de rentabilidade,” (Baudrillard, 2003, p.143)



Imagem 2. Gloria sai da limusine e olha diretamente para a câmera

Esse benefício, entretanto, vai de encontro ao modelo binário e heteronormativo que ao longo dos anos foi reforçado pela Indústria Cultural. É interessante ressaltar que Gloria se apropria dos signos sensuais e do corpo objetificado para colocar em evidência o corpo que é considerado abjeto; não só o seu como de suas dançarinas e dançarinos.

O corpo objetificado em *Quem é essa menina de vermelho?*

O clipe de *Quem é essa menina de vermelho?* é uma edição de momentos da vida de MC Daleste com cenas do clipe *São Paulo*. Foi lançado em 2020, sete anos depois da morte do cantor, pelo canal Favela Funk. A produção audiovisual começa com planos fechados que mostram moto e carro de luxo do MC. Ele cumprimenta amigos e chega em uma espécie de oásis, um lugar parecido com um quiosque, onde está cercado por duas mulheres, uma loira e outra morena, todas magras. Em seguida, o clipe resgata um show antigo de Daleste. Com um corte abrupto, a câmera foca nos seios de uma mulher branca e loira, que veste o que parece ser um maiô vermelho e bem decotado, e que se auto acaricia. Esse é o único momento em que uma mulher de vermelho aparece no clipe.



Imagem 3. Plano fechado mostra seios de mulher branca e loira

Há, ainda, planos que se alternam: ora o MC está em uma piscina, cercado por quatro mulheres, ora no oásis, com uma mulher sentada em seu colo. Ele também é filmado em um carro vermelho, junto com uma acompanhante. Novamente, não faltam planos fechados que destacam os corpos das mulheres. Elas dançam e seduzem o cantor, estão sempre olhando para ele. Ao filmar Daleste dançando com as três mulheres em frente a um helicóptero, o diretor Renato Barreiro deixa ainda mais evidente o status social do cantor: um homem rico e poderoso, que pode ter qualquer mulher que ele desejar.

No clipe, o corpo feminino aparece de forma estritamente objetificado. As musas estão sempre de biquíni, têm cabelos lisos, são magras e bem definidas, reforçando o padrão de que a beleza não pode ser desassociada da magreza, assim como afirmou Baudrillard (2003). Daleste aparece como sedutor e provedor do prazer, tanto material, com carro de luxo, joias e helicóptero, quando sexual. Nas cenas com as mulheres, ele é o único homem e é destacado em posição central; ou seja, é filmado rodeado por elas. As mulheres parecem buscar o desejo do MC. Ao escrever sobre o narcisismo e a satisfação narcisista, Freud (2010), numa visão falocêntrica, afirma que a mulher, ao escolher o

objeto amado - o homem - coloca sobre ele a mesma intensidade de amor que tem sobre si mesma:

Em particular quando se torna bela, produz-se na mulher uma autosuficiência que para ela compensa a pouca liberdade que a sociedade lhes impõe na escolha do objeto. A rigor, tais mulheres amam apenas a si mesmas com intensidade semelhante à que são amadas pelo homem. Sua necessidade não reside tanto em amar quanto em serem amadas, e o homem que lhes agrada é o que preenche tal condição. (Freud, 2010, p.34).

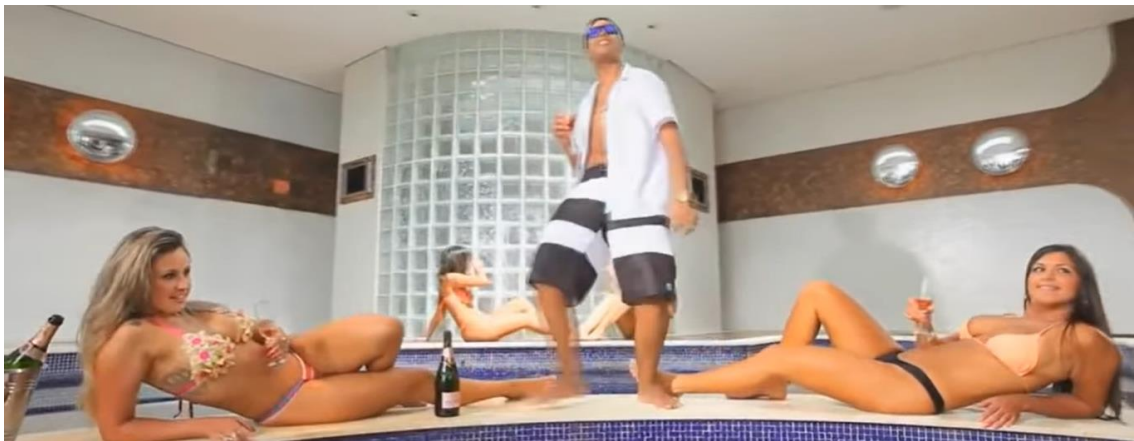


Imagem 4. Em destaque, Daleste aparece cercado por mulheres brancas e magras

Sendo assim, de acordo com Freud, para se sentirem completas, é imperativo o olhar e o amor do outro. Ao colocar as mulheres em um lugar objetificado - o que pode ser notado através dos inúmeros planos fechados que dão destaque a partes de seus corpos, como barriga, nádegas e seios - e que buscam o desejo de MC Daleste, o clipe reforça a incompletude da mulher, reafirmando esta necessidade de ser e de se sentir amada. A produção corrobora, ainda, com o ideal de que o corpo feminino é objeto de desejo.

É válido pontuar que o clipe de Daleste foi publicado em 2020, em um período posterior a inúmeras manifestações feministas que tomaram não só o Brasil, mas o mundo. A segunda década do século XXI ficou conhecida como a quarta onda do feminismo, quando debates de gênero e sobre a autonomia das mulheres sobre seus próprios corpos ganharam força, estimulados sobretudo pelo ativismo de jovens na internet e nas ruas (Holanda, 2019, p.19). A Marcha das Vadias, que teve sua primeira edição no Brasil em junho de 2011, é um marco dessa mais recente explosão feminista. A primeira de uma série de manifestações realizadas ao redor do mundo ocorreu em abril

de 2011, em Toronto, no Canadá, depois da realização de um fórum que pretendia discutir a segurança na Universidade de York após vários casos de estupros no *campus*.

Na ocasião, um policial declarou que mulheres poderiam evitar ser estupradas se parassem de se vestir como *sluts*, traduzido para português como putas ou vadias. Em reação à fala que culpabilizava as vítimas pela violência sexual sofrida, ocorreu a primeira passeata. Fim da violência sexual e autonomia das mulheres sobre seus próprios corpos foram as principais bandeiras levantadas pelo movimento, que ganhou milhares de adeptas no mundo e no Brasil, que protestavam com saias curtas, batons vermelhos, topless e pintavam em seus corpos frases como: *meu corpo minhas regras*, *útero laico e puta livre*. Convocada principalmente pelas redes sociais, a Marcha das Vadias teve edições até 2013 em dezenas de cidades de todo o país, marcando um período em que “o corpo é usado para questionar as normas de gênero, em especial as regras de apresentação do corpo feminino no espaço público” (Gomes & Sorj, 2014, p. 438). Contrariando o contexto histórico e a efervescência das discussões da segunda década dos anos 2000, o clipe de Daleste não dá autonomia ao corpo feminino, pelo contrário, coloca-o à serviço do MC.

Outro ponto de análise são as letras das músicas. O eu lírico da canção de Daleste é um homem, que se confunde com o próprio cantor. O MC fala que a menina de vermelho usa roupas de marca, gasta muito dinheiro e se pergunta quem é ela. A letra diz: “Acho que eu tô ficando louco/ Ela tá olhando pra mim/ Se tiver solteira vem que vem/ Que eu garanto que tu vai ser feliz”. Em outro momento, ele diz que para conquistá-la vai mostrar o ronco de sua moto R1. Apesar de o eu lírico se colocar no lugar de admirador, no clipe ocorre o oposto: são as mulheres que o admiram e querem estar na companhia dele. O clipe corrobora, portanto, com uma visão falocêntrica.

Embora tenha o mesmo refrão da canção de Daleste, sob o ponto de vista masculino, na maior parte da música de Gloria Groove o eu lírico é uma mulher, ela mesma: “Eu desço rebolando pra ti/ Com a mão no popozão/ Meu vestido vermelho carmim/ Te deixou galudão”. Gloria destaca seu papel de dominadora e usa de sua sensualidade para conquistar o homem chamado por ela de “Paixão”. Ainda que seja possível argumentar que há uma satisfação narcisista, já que o objetivo principal é despertar o desejo do objeto desejado, é interessante analisar a simbologia de música e vídeo juntos. Gloria termina o clipe sozinha ateando fogo em um lugar que parece uma escada. Lady Leste começa abaixada, bem próxima do fogo, e depois se levanta, abrindo

os braços com uma capa esvoaçante. Ela fica enorme. A cena causa uma sensação de que Gloria se basta, de que mais do que ser amada, ela se ama acima de tudo. O clipe é uma ode à sensualidade e ao poder que o corpo, seja ele qual for, pode ter.

Considerações finais:

Adorno argumenta que o poder da Indústria Cultural sobre os consumidores é justamente “mediado pela diversão” (Adorno, 2002, p. 32). Isto fica evidente quando levamos em consideração o largo alcance dos clipes. *Vermelho*, de Gloria Groove, teve mais de 15 milhões de visualizações e *Quem é essa menina de vermelho?*, de MC Daleste, quase 55 mil. Ambos são, portanto, produtos bem-sucedidos da Indústria Cultural.

Ao realizar a análise dos clipes, foi possível notar que uma diferença gritante marca as obras de Gloria Groove e MC Daleste. Enquanto este reforça os padrões de beleza repetidos sistematicamente pela Indústria Cultural - a mulher deve ser branca, magra e definida -, o clipe de Gloria dá destaque aos corpos abjetos, ressaltados por Judith Butler. Drags, trans, gordos e negros são filmados e exaltados em *Vermelho*, inclusive em planos fechados. A incessante busca por novidade, a qual os consumidores da Indústria Cultural estão submetidos, possibilita a mais fluida identificação com a obra e com os corpos apresentados por Groove. A cantora, com a escolha dos figurinos vermelhos e bem decotados e cavados, também traz à cena a mulher diabólica, poderosa e sensual, figura que ganhou força principalmente através da literatura da segunda metade do século XIX (Moraes, 2002. p. 30).



Imagem 5. Cena final do clipe *Quem é essa menina de vermelho?*, de Gloria Groove

Outro ponto que se fez necessário reforçar neste artigo é que o clipe de Daleste é publicado em 2020, sete anos após a morte do cantor. O contexto histórico é marcado pelas lutas da quarta onda do feminismo. A explosão feminista tinha como um dos pilares a autonomia das mulheres sobre seus próprios corpos. O que pode ser percebido na obra do MC é o oposto: a sujeição do corpo feminino ao desejo e ao prazer do homem.

Além disso, com base no narcisismo de Freud, argumento que *Quem é essa menina de vermelho?* corrobora com o ideal falocêntrico proposto pelo psicanalista de que, mais do que se amar, a mulher deseja ser amada pelo seu objeto de desejo, o homem. No clipe, isso fica visível principalmente em dois momentos: nos planos em que MC Daleste está cercado por mulheres; e quando as mulheres olham e seduzem o cantor. Embora Gloria Groove também seduza alguns homens em *Vermelho*, podemos considerar o clipe como uma paródia de gênero que tensiona as normas da heterossexualidade compulsória e binárias e que, no plano final, deixa um recado: Gloria se basta, não precisa do amor de um homem.

Ao publicar o vídeo no *Youtube*, Gloria Groove deixa pequeno texto fixado na caixa dos comentários:

“Vermelho” é a minha homenagem ao cara que sempre mirou seu holofote pra Zona Leste. A Lady Leste bebe muito da realidade que o MC Daleste cantou e eu sei como ele mostrou pra tantos jovens daqui que era possível. Ninguém pode parar uma voz que ecoa inspiração e admiração. Daleste Eterno ☐☐ Curtam muito esse clipão e deixem aqui seus comentários”.

No decorrer deste artigo, o que pode ser percebido, no entanto, é que a homenagem fica restrita à repetição de parte do refrão e a um único plano em comum em ambos os clipes: os pés calçados de uma sandália de salto alto caminhando por uma passarela. Tanto na música quanto no clipe, Gloria se coloca em uma posição oposta a de Daleste e principalmente em relação às mulheres presentes do clipe do funkeiro. O corpo feminino sai de objeto e passa a sujeito na produção de Gloria Groove.

Referências:

ADORNO, T. **Indústria Cultural e sociedade**. Trad. Julia Elizabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2003.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Ed de bolso. Editora L&PM, 2018 [1936].

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BUTLER, J. **Corpos que importam: os limites discursivos do sexo**. São Paulo: N-1/Crocodilo, 2020.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. 1914- 1916. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

GOMES, C. & SORJ, B. **Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil**. Sociedade e Estado, v. 29, n. 2, p. 433-447, 2014.

HOLLANDA; H.B. **Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

JEUDY, PH. **O corpo como objeto de arte**. Trad.Tereza Lourenço. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

MORAES, E.R. **O corpo impossível**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.